



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE
PROJETOS AMBIENTAIS
CAMPUS NITERÓI**

Jacqueline Souza Ribeiro

**ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO NO ENTORNO E LIMITES DO PARQUE
ESTADUAL DA SERRA DA TIRIRICA-RJ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

NITERÓI
2021

Jacqueline Souza Ribeiro

**ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO NO ENTORNO E LIMITES DO PARQUE
ESTADUAL DA SERRA DA TIRIRICA-RJ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Gestão de Projetos Ambientais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

Orientador: PhD. Pedro H. de Almeida Silva

NITERÓI
2021

R484e Ribeiro, Jacqueline Souza

Estratégias de Pertencimento no entorno e limites do parque estadual da Serra da Tiririca-RJ : um relato de experiência / Jacqueline Souza Ribeiro. – Niterói, RJ, 2021.

32 f.

Orientação: Pedro Henrique de Almeida Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Ambientais) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, 2021.

1. Parque Estadual da Serra da Tiririca. 2. Conservação ambiental. 3. Taxidermia. 4. Educação ambiental. 5. Condução ambiental. I. Silva, Pedro Henrique de Almeida. II. Título

IFRJ/Cnit/Biblioteca

CDU 502.1

Jacqueline Souza Ribeiro

**ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO NO ENTORNO E LIMITES DO PARQUE
ESTADUAL DA SERRA DA TIRIRICA-RJ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Gestão de Projetos Ambientais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

Data de aprovação: 15 de dezembro de 2021.

Orientador: Professor PhD. Pedro Henrique de Almeida Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Professora PhD. Andrea Rizzotto Falcão
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

MSc. Luiz Gonzaga AllochioZucolott

NITERÓI

2021

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus pela oportunidade desse novo recomeço, e por todas as solicitações de ajuda nos momentos difíceis no decorrer dessa trajetória.

Ao Instituto, e a todo seu corpo docente, pelas demonstrações de comprometimento na qualidade de excelência de ensino. Em especial às professoras Andrea Rizzotto Falcão e Raphaella Reis C. C. Silva pelo acolhimento e carinho.

Sou grata pela confiança depositada na minha proposta de projeto pelo meu professor Pedro H. de Almeida Silva, orientador do meu trabalho.

Aos meus familiares, principalmente ao meu filho Rafael Cardozo de Souza pelo seu amor, parceria, companheirismo e paciência me motivando a seguir. Ao meu irmão Felipe Souza Ribeiro, que mesmo sem ter noção dessa nossa realidade cooperou do seu jeitinho.

Aos queridos amigos, por todas as formas de motivação e cooperação que, de forma direta ou indireta foram essenciais, deixo minha gratidão aos que vão representar essa infinita rede: Bruna Galassi, Luiz Allochio, Leila Longa Duarte, Sandra Alvim, Eduardo Wilson Corrêa.

Aos colegas do curso que, juntos em busca do sucesso de nossas metas, fomos nos apoiando em cada desafio no decorrer desse percurso atípico, meu muito obrigado, desejando sucessos a todos.

Aos gestores (anteriores e atuais), equipe de Guarda-Parques e funcionários do PESET. Por serem a fonte de inspiração e motivação deste projeto de pesquisa, gratidão sempre.

Em memória:

A minha querida mãe, Eufrozina Souza Ribeiro que mesmo sem a sabedoria da leitura e da escrita me proporcionou um apoio incrível, incentivando sempre a buscar à melhores condições de vida através dos estudos.

Ao querido amigo Marcelo Vieira, Biólogo e Guarda-parques, por todas as motivações e parceria dos anos em que passamos juntos no PESET e na vida.

RESUMO

Esta pesquisa tem como base as experiências vivenciadas pela autora com grupos de moradores e visitantes nas áreas de trilhas do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), localizado em Niterói-RJ. Essas experiências foram orientadas por meio da aplicação de técnicas de condução ambiental e enriquecidas pela utilização de espécimes taxidermizados, como alternativas para a educação ambiental. As vivências foram ainda complementadas através de conversas com os participantes. Buscou-se extrair dessas experiências, percepções sobre o efeito da aplicação dessas estratégias de educação ambiental na mudança de atitude, de discurso e no sentimento de pertencimento dos visitantes em relação ao ambiente. A experiência mostrou que o uso de animais taxidermizados acabou gerando uma percepção mais concreta da vida que habita o parque e dos impactos que sofre. Já a condução ambiental possibilitou o acesso às trilhas e aumentou a qualidade da visita, estimulando também a interatividade dos participantes. Foi observado, através das experiências e relatos dos visitantes, que a condução ambiental e a taxidermia contribuem uma com a outra e são eficientes em maximizar o efeito de conscientização, despertando na população do entorno o sentido de pertencimento, que resulta na maior conscientização ambiental e envolvimento para a conservação do patrimônio natural local.

Palavras-Chave: Parque Estadual da Serra da Tiririca; Conservação ambiental; Taxidermia; Educação ambiental; Condução ambiental.

ABSTRACT

This research is based on the author's experiences with groups of residents and visitors in the trail areas of the Serra da Tiririca State Park (PESET), located in Niterói-RJ. These experiences were guided through the application of environmental conduction techniques and enriched by the use of taxidermized specimens, as alternatives for environmental education. The experiences were also complemented through conversations with the participants. We sought to extract from these experiences, perceptions about the effect of applying these environmental education strategies on changing attitudes, discourses and visitors environment sense of belonging. The experience revealed that the use of taxidermized animals ended up generating a more concrete perception of the life that inhabits the park and of the impacts it suffers. The environmental conduction enabled access to the trails and increased the quality of visitation, also encouraging interactivity among participants. It was observed, through the experiences and reports of visitors, that environmental driving and taxidermy contribute to each other and are efficient in maximizing the effect of awareness, awakening in the surrounding population a sense of belonging, which results in greater environmental awareness and involvement for the conservation of the local natural heritage.

Key words: Serra da Tiririca State Park; Environmental Conservation; Taxidermy;
Environmental education; Environmental driving.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVO GERAL	9
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
2 DESENVOLVIMENTO.....	9
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1.1 Parque Estadual da Serra da Tiririca.....	9
2.1.2 Taxidermia	13
2.1.3 Programa Estadual de Guias de Turismo e Condutores de Visitantes	15
2.2 METODOLOGIA.....	17
2.3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1 INTRODUÇÃO

Considerado o fragmento de Mata Atlântica mais rica em diversidade de fauna da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, o Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET) abriga, dentro dos seus limites, grande riqueza de espécies. Localizado na área metropolitana do Rio de Janeiro, nos municípios de Niterói e Maricá, é uma unidade de conservação de proteção integral. Um dos seus principais objetivos é a promoção da educação ambiental através da visitação dos atrativos e com as atividades em escolas e eventos afins.

O PESET conta hoje com um acervo de animais silvestres taxidermizados, com cerca de 20 peças (técnica seca e em conserva), que ficam expostas no centro de visitantes do Caminho Darwin, como uma ferramenta de educação ambiental. A visitação do acervo de animais taxidermizados, contribui para o incremento da visitação no centro de visitantes do Caminho Darwin, no PESET, além de promover ações de educação ambiental, com o repasse de informações relevantes sobre a fauna da Mata Atlântica. A taxidermia, usada como ferramenta de educação ambiental, potencializa inúmeros benefícios, sensibilizando e motivando ações de preservação e conservação de patrimônio natural.

Além disso, e com o objetivo de promover uma experiência mais segura e de qualidade para os visitantes das áreas protegidas estaduais, associado ao fomento da economia local, foi desenvolvido o Programa Estadual de Guias de Turismo e Condutores de Visitantes (PGETCV). O PGETCV é voltado para moradores das regiões do entorno de uma unidade de conservação (UCs), que passam por capacitação e treinamentos específicos, realizados com as equipes do INEA e profissionais/professores de várias instituições. Os condutores transformam-se em agentes ambientais locais, disseminadores de informações relevantes para a preservação e conservação de suas áreas.

O presente artigo se dedica justamente a relatar as experiências da autora, junto a grupos de moradores/visitantes da região na trilha interpretativa do Caminho Darwin-PESET, usando como estratégias atividades desenvolvidas com as técnicas da condução ambiental e da taxidermia, desenvolvendo interatividade participativa na trilha, no intuito de despertar na população do entorno o sentido de pertencimento, como um elemento comum de descoberta, práticas e ações com o foco na sensibilização, conscientização ambiental e envolvimento para a conservação e preservação do patrimônio natural local.

Dessa forma, com o objetivo de compartilhar essas experiências e descrever as mudanças de atitude, discursos e sentimento de pertencimento em relação ao seu ambiente, percebidas entre os participantes da atividade, o desenvolvimento do artigo foi organizado em três seções. Na primeira seção são apresentadas as atividades de taxidermia e condução ambiental como estratégias de educação ambiental e é apresentado também o PESET, local onde essas atividades são desenvolvidas pela autora. Na segunda seção descreve-se a

metodologia utilizada no artigo, que se trata resumidamente de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, associada a relatos de experiência. Na terceira seção, finalmente são apresentados os relatos da autora e os resultados observados entre os participantes referentes à aplicação dessas estratégias.

1.1 OBJETIVO GERAL

- Compartilhar conhecimento a respeito da experiência de educação ambiental desenvolvida no Parque Estadual da Serra da Tiririca.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar a taxidermia e a condução ambiental como estratégias de educação ambiental;
- Sistematizar e refletir sobre as experiências da autora no desenvolvimento dessas estratégias no Parque Estadual da Serra da Tiririca;
- Descrever as mudanças de atitude, dos discursos e do sentimento de pertencimento dos participantes das atividades em relação ao meio ambiente.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 Parque Estadual da Serra da Tiririca

Localizado na área metropolitana do Rio de Janeiro, nos municípios de Niterói e Maricá, está o Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), que é uma unidade de conservação de proteção integral. Um dos seus principais objetivos é a promoção da educação ambiental através da visitação dos atrativos e com as atividades em escolas e eventos afins (INEA, 2015a).

Dentre os demais objetivos do PESET, está a proteção dos últimos remanescentes de mata atlântica da região em que se localiza, sendo praticamente um dos últimos redutos da biodiversidade local, preservado na forma de unidade de conservação de proteção integral. O Parque abriga um quantitativo de espécies endêmicas, costões rochosos e restingas, tanto que obteve o status de reserva mundial da biosfera tornando-se um patrimônio natural brasileiro em 1992, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) (INEA, 2015b).

O PESET abriga 3.493 hectares de terra, compreendendo fragmentos de Mata Atlântica, um dos biomas brasileiros mais ameaçados (PIMENTEL; SANTOS; BARROS, 2002), sofrendo com diferentes ameaças ambientais, tornando o seu processo de proteção complexo. Barros (2008) afirma que a Serra da Tiririca se localiza nos seguintes bairros de

Niterói: Engenho do Mato, Itaipu, Itacoatiara, Várzea das Moças, enquanto no município vizinho de Maricá, ocupa a região do distrito de Inoã.

O histórico de sua criação é marcante, sendo impulsionado pela organização de movimentos comunitários e ambientalistas que não aceitavam as agressões à natureza local no início da década de 70. Com a intensificação urbana significativa na região oceânica de Niterói, previam-se mudanças negativas nos ecossistemas lagunar e fluvial (INEA, 2015c).

Observa-se recentemente que os ecossistemas da Região Oceânica têm sofrido com a agressão causada principalmente pela especulação imobiliária, já que esta é uma das últimas zonas de ocupação da cidade de Niterói. Não menos agressivo, tem sido o lançamento de esgoto *in natura* nos rios que deságuam nas Lagoas de Piratininga e Itaipu, colocando em risco as espécies da fauna e flora.

Considerado o fragmento de Mata Atlântica mais rica em diversidade de fauna da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, o PESET abriga, dentro dos seus limites, grande riqueza de espécies (INEA, 2015c). A Fauna é típica da Mata Atlântica, com ocorrência de mais de 360 espécies de vertebrados só na porção continental do parque, incluindo mamíferos (ex.: cutia, paca, tamanduá-mirim, preguiça, ouriço-cacheiro, tatu-galinha, gato-do-mato-pequeno e cuíca), répteis (ex.: jiboia, jararaca, jararacuçu e caninana), anfíbios (ex.: rãzinha-piadeira e sapo- cururu) e aves (ex.: curió, trinca-ferro e coleiro).

No entanto, de acordo com o Resumo Executivo do Plano de Manejo do PESET (INEA, 2015d), a região do PESET abriga atualmente diversas espécies com algum tipo de ameaça, que podem variar entre Vulnerável (VU), Em Perigo (EN), Quase Ameaçadas (NT), Criticamente em Perigo ou Em Perigo Crítico (CR), Provavelmente Ameaçada (PA) e Em Perigo (EP) (PESET, 2016).

Um dos grupos filogenéticos que se destaca no PESET é o dos anfíbios, com 28% das espécies descritas para o Estado (INEA, 2015c). Algumas encontram-se ameaçadas, como os anuros *Allobates olfersioides* (VU); *Scinax trapicheiroi* (NT); *Xenohyla truncata* (NT) e *Chiasmocleis carvalhoi* (EN). Dentro desse agrupamento, está uma das espécies endêmicas do PESET, a perereca-do-litoral (*Scinax littoreus*) espécie símbolo do parque, inclusive ganhou destaque na logomarca pelo seu endemismo (INEA, 2015c).

Uma espécie endêmica é aquela espécie animal ou vegetal que ocorre somente em uma determinada área ou região geográfica. O endemismo é causado por quaisquer barreiras físicas, climáticas e biológicas que delimitem com eficácia a distribuição de uma espécie ou provoquem a sua separação do grupo original (O que é uma Espécie Invasora, 2014).

Cabe ressaltar a importância das interações entre a fauna e a flora. De acordo com Odum (1985, segundo PESET, 2016), a vegetação é uma das características do meio mais importante para a manutenção dos animais. Intervenções na vegetação produzem efeitos diretos na fauna, pela redução ou aumento dos atributos-chaves que são o alimento e o abrigo.

No caso da *Scinax littoreus*, é vital a proteção da bromélia (*Vriesea costae*), que é seu abrigo único e permanente no costão rochoso. Os impactos ocasionados pela visitação sem orientações direcionadas para o valor ambiental das espécies provocam a vulnerabilidade do seu habitat (CORRÊA-PINTO; CARVALHO E SILVA, 2007).

Dentre os répteis ameaçados, são citados: a lagartixa-da-praia (VU/CR), a cobra-dorme-dorme (PA), o jacaré-de-papo-amarelo (NT/EP) e o cágado-amarelo (NT/PA). A jararaca-verde (*Bothrops bilineatus*) é dada como provavelmente extinta, mas pode ainda ocorrer nas restingas e encostas da Serra da Tiririca (INEA, 2015d).

Cerca de 22% da avifauna do Estado é encontrada dentro dos limites do PESET (INEA, 2015c). Entre as aves ameaçadas temos: tiririzinho-do-mato (NT), maracanã-verdadeira (NT), pinguim-de-magalhães (NT), curió (VU), saíra-sapucaia (VU), araponga (VU), gavião-pombo-pequeno (VU), pato-do-mato (VU), papa-capim (EP), sabiá-da-praia (EP), pato-de-crista (EP), rabo-branco-mirim (PA), colhereiro (PA), guará (CR) e o bicudo, considerado presumivelmente extinto na região. Alguns dos mamíferos listados são: a cuíca-d'água (PA), tatu-de-rabo-mole (PA), os morcegos *Platyrrhinus recifinus* (VU), *Lasiurus cinereus* (PA), *Myotis ruber* (NT/VU) e *Diaemus youngii* (VU), a irara (PA), o gato-do-mato-pequeno (VU/PA), rato-de-espinho (EP) e a paca (VU) (INEA, 2015d).

No entanto, ainda há outras espécies que sofrem pressão antrópica no entorno da unidade, assim como cachorro-do-mato, preguiça-comum, cuíca-lanosa, tamanduá-de-colete, cuíca-três-listras, tatu, morcegos e gambás (INEA, 2015c).

O PESET apresenta 14 espécies exóticas, entre elas, a lagartixa-de-parede, pombo-doméstico, mico-estrela, mico-leão-da-cara-dourada, cão e gato domésticos (INEA, 2015b).

A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), em vigor desde 29 de dezembro de 1993, define como espécie exótica, toda a espécie que se encontra fora da sua área de distribuição natural, isto é, que não é originária de um determinado local. Já espécie exótica invasora, são aquelas que se proliferam sem controle e passam a representar ameaças para a espécie nativa e para o equilíbrio dos ecossistemas. Essas espécies se adaptam muito bem às condições do ambiente no qual se inserem e, além de suas vantagens naturais, são favorecidas pela ausência de inimigos naturais (predadores), o que lhes permite se multiplicar e degradar ecossistemas. Elas competem com as espécies nativas por recursos como território, água e alimento. Em alguns casos, se alimentam das espécies nativas, o que agrava ainda mais seu impacto ao meio ambiente local (O que é uma Espécie Invasora, 2014).

Devemos aqui expor, a princípio, o direito à vida. Mesmo sendo espécies exóticas ou domésticas e que podem causar desequilíbrios/impactos ao ambiente, são seres vivos, dignos de compaixão e merecem ser conduzidos com respeito e responsabilidade.

Como cita a Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras

providências, que em seu Art. 32 define pena de detenção, de três meses a um ano, e multa para quem praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos (BRASIL, 1998).

Cabem conhecimentos e mudanças de consciência quanto aos impactos, tanto para a mudança de comportamento das pessoas, como para o planejamento de ações de manejo dessa fauna exótica que possam reverter à pressão antrópica negativa em ações antrópicas positivas. Um exemplo interessante é o projeto desenvolvido para a remoção dos mico-leão-de-cara-dourada (INEA, 2021). A fauna silvestre local é composta por animais de vida livre, enquanto a fauna exótica/doméstica são animais de “cativeiros”. Ao levarmos em consideração a preservação da diversidade de fauna, é importante que os moradores/visitantes sejam conscientizados para o uso público consciente e de mínimo impacto ambiental, por exemplo, através de ações como não alimentar os animais silvestres e manter animais doméstico-exóticos sob vigilância e cuidados constantes, que beneficiam a todos. Também é importante criação ou implantação de centro de reabilitação de animais silvestre (CRAS).

O PESET conta hoje com um acervo de animais silvestres taxidermizados, com cerca de 20 peças (técnica seca e em conserva), que ficam expostas no centro de visitantes do Caminho Darwin, como uma ferramenta de educação ambiental. Além da exposição fixa, esse acervo de animais taxidermizados eventualmente também é utilizado nas visitas às escolas do entorno e outros eventos, principalmente em datas comemorativas, como a Semana do Meio Ambiente, Dia da Mata Atlântica, Semana de Combate ao Atropelamento de Fauna e entre outros.

O Caminho Darwin se inicia na estrada São Sebastião no bairro do Engenho do Mato em Niterói. Era o caminho utilizado por tropeiros e viajantes que saíam da Vila Real da Praia Grande (hoje Niterói) com destino a Cabo Frio atravessando por Itaocaia (Maricá). Relatos históricos descrevem a passagem do naturalista inglês Charles Darwin que, em 1832, durante a expedição à mata atlântica, ficou deslumbrado com a paisagem ao passar pela Serra da Tiririca (INEA, 2015a). Darwin foi um dos primeiros proponentes da taxidermia, assim como o Capitão James Cook, que levou a primeira pele de canguru para Londres no ano de 1771. Darwin não teria permissão de viajar como um naturalista no HMS Beagle sem a habilidade da taxidermia. Ele aprendeu a empalhar animais com John Edmonstone, um escravo guianês liberto (DEL CLARO, 2020).

A visitação do acervo de animais taxidermizados, contribui para o incremento da visitação no centro de visitantes do Caminho Darwin, no PESET, além de promover ações de educação ambiental, com o repasse de informações relevantes sobre a fauna da Mata Atlântica (PIMENTEL; SANTOS; BARROS, 2002).

2.1.2 Taxidermia

De origem grega, a palavra taxidermia tem na sua formação duas palavras cujo termo *taxis* faz referência à forma e *derma* à pele. A taxidermia é uma atividade reconhecida por Lei que tem como principal objetivo o aproveitamento de espécimes descartados, estes com origem legal, resgatando material biológico de extrema importância e assim reconstituindo, após a taxidermização, suas características físicas e comportamentais e quando necessário, simulando também seu habitat. Popularmente, o termo "empalhar" já foi usado como sinônimo de "taxidermizar", entretanto há muito tempo não se usam mais os rústicos manequins de palha e barro para substituir o corpo dos animais (MUSEU NACIONAL, 2014).

A taxidermia deve ser exercida por biólogos reconhecidos, com curso de nível superior em Biologia, e envolve conhecimentos de diversas áreas além da Biologia, como: Química, Anatomia, Comportamento, Ecologia, Artes Plásticas, entre outras matérias (MUSEU NACIONAL, 2014). É uma técnica aplicada somente em animais vertebrados e seus registros mais antigos remontam ao império egípcio, cujas técnicas de preservação de corpos na mumificação são famosas em todo o mundo (CARNIATTO *et al.*, 2010).

Os animais taxidermizados podem ser organizados em acervos estruturados. Em geral, os acervos são utilizados para fazer referência a uma coleção de obras ou bens que fazem parte de um patrimônio, seja de propriedade privada ou pública. Esse patrimônio pode ser de âmbito artístico, bibliográfico, científico, documental, genético, iconográfico, histórico etc. (Acervo. *In*: SIGNIFICADOS, 2013). Estes acervos têm relevância para quem os possui, estuda ou visita, podendo assim serem utilizados como ferramenta para a educação formal e informal. A taxidermia usada como ferramenta de educação ambiental potencializa inúmeros benefícios, sensibilizando e motivando ações de preservação e conservação de patrimônio natural.

É importante destacar que:

A Educação Ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e corresponsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais (SORRENTINO *et al.*, 2005, p.288).

As carcaças de animais utilizados na taxidermia são oriundas de atropelamento, ataques de cães, e diversos outros impactos provenientes de contato ou trânsito de animais silvestres em áreas urbanas. A taxidermia, por utilizar animais já mortos, não conflita com a legislação porque reutiliza tais materiais para difundir o conhecimento acerca dos seres vivos e realizar a sensibilização ambiental das pessoas. A exposição de animais taxidermizados é mais comum em grandes museus, centros de pesquisas e universidades, já que a prática da

taxidermia não é muito frequente, distanciando dos moradores do entorno de unidades de conservação as possibilidades de aprendizado com esse recurso.

Os aspectos legais deixam claro que a taxidermia não provoca ou incentiva a morte de animais sejam eles: silvestres, domésticos ou exóticos. Não existe uma menção direta ao procedimento utilizado na taxidermia, porém, as determinações constantes na lei de crime ambientais, que trata da proteção dos animais e contra maus-tratos e a exploração de animais silvestres, podem e devem ser seguidas, pois servem para a orientação da prática, da conservação e o uso educativo desses animais. Para recolher animais silvestres mortos não é necessária autorização expressa, mas há alguns procedimentos que devem ser seguidos conforme prevê a Instrução Normativa nº 154 de março de 2007 - IBAMA, em especial em seu art. 26 § 1º:

Art. 26. O recolhimento e o transporte de animais encontrados mortos, para aproveitamento científico ou didático, poderão ser feitos por qualquer cidadão na ausência de autorização desde que os animais sejam destinados a instituição científica.

§1º O cidadão deverá obter, sempre que possível boletim de ocorrência junto à autoridade policial para efeito de eventual fiscalização (IBAMA, 2007).

Apesar de a legislação dar o direito a qualquer cidadão de recolher o animal silvestre já morto, ele deve ser aproveitado para fins didáticos e científicos e sempre que possível este fato deve ser comunicado a alguma autoridade policial (SANTOS, 2021).

A comprovação sobre as circunstâncias que o animal morreu é quase sempre bem nítida, pois o animal atropelado, atacado por cães, choques por fios de alta tensão e tantos outros impactos têm características que diferem de animais mortos por caçadores ou qualquer outra ação contundente, até mesmo pelo tipo de ferimento encontrado e pelo seu estado físico. Quando a causa da morte não está clara, as carcaças não devem ser destinadas para a taxidermia, devido ao risco de zoonoses. Se houver algum alerta de surto na região onde o animal foi encontrado, devemos ainda comunicar aos centros de controles de zoonoses próximos.

Alguns cuidados, orientações e procedimentos são importantes no momento que se encontra um animal silvestre/carcaça, independentemente do tamanho/peso e da espécie, seja de aves, mamíferos, peixes, répteis ou artrópodes. A primeira orientação é certificar-se de suas condições:

- A. Se estiver vivo e ferido não toque e comunique imediatamente às autoridades de resgate e tente proteger na medida do possível até o resgate.
- B. Se tiver certeza do óbito, faça a coleta com os seguintes cuidados:
 - Usar luvas ou qualquer outra forma de proteção (sacos/sacolas plásticas);

- Fazer uma provável avaliação de óbito ou causa morte (atropelamento, ataque de cães, choque elétrico ou até mesmo para crimes contra fauna. Ou seja, abate criminoso entre outras) e se possível, registre com fotos;
- Registrar imediatamente o local, data, horário, espécie/nome popular e destino, pois, essas informações serão necessárias para a ficha de recebimento ou livro de ocorrências de animais silvestres.
- É importante NÃO lavar, nem mesmo com água e NÃO usar nenhum produto químico tais como álcool, detergentes, formol ou qualquer outro produto;
- Embrulhar esse animal em algumas camadas de folhas de jornal / papel e depois disso colocar em sacos ou sacolas plásticas e congelar ou encaminhar para a taxidermia com um breve espaço de tempo. Nesse momento, é importante posicionar a peça de forma a evitar quebras, perfurações ou qualquer outro dano;
- Se congelar, transportar em caixas térmicas ou de isopor, forrada com plástico com a “peça” ainda congelada / com gelo.

Cabe ressaltar a importância do registro de ocorrência de animais mortos, não só para que fique claro que quem está recolhendo o animal não causou sua morte, como também para o registro e a avaliação das diferentes causas de morte e dos locais onde ocorreram, permitindo a sistematização dos impactos ambientais mais frequentes e a estruturação de ações (placas/campanhas informativas – ataques de cães, linhas de cerol/chilena, atropelamentos e quaisquer outros) que previnam ou minimizem os efeitos negativos sobre a fauna local, principalmente dentro e no entorno de unidades de conservação.

2.1.3 Programa Estadual de Guias de Turismo e Condutores de Visitantes

Com o objetivo de promover uma experiência mais segura e de qualidade para os visitantes das áreas protegidas estaduais, associado ao fomento da economia local, foi desenvolvido o Programa Estadual de Guias de Turismo e Condutores de Visitantes (PGETCV). O programa tem como diretriz o Decreto nº 42.483/2010, que estabelece as orientações para o uso público em parques estaduais administrados pelo INEA (INEA, 2010), e a Resolução INEA nº 61/2010, que estabelece normas para o censo, credenciamento e prestação de serviços de guias de turismo e condutores de visitantes nos parques estaduais do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2012).

O PGETCV é voltado para moradores das regiões do entorno de uma unidade de conservação (UCs), que passam por capacitação e treinamentos específicos, realizados com as equipes do INEA e profissionais/professores de várias instituições. Nessa capacitação, participantes são apresentados a um vasto conhecimento sobre todo o patrimônio natural, culturais, cênicos e históricos da região do entorno. Os conteúdos abordados incluem

legislação ambiental, turismo, sustentabilidade, técnicas de manejo de trilhas, condução e interpretação ambiental, noções de cartografia e ferramentas de direção, segurança e equipamentos. O curso conta com aulas teóricas e práticas supervisionadas em campo, com a presença de moradores e visitantes.

Os participantes são então qualificados e credenciados para conduzir visitantes em atrativos e trilhas das unidades de conservação estaduais. Periodicamente, ocorre um curso de recredenciamento e atualização com os condutores, realizado pela coordenação de uso público do parque. Os condutores transformam-se em agentes ambientais locais, disseminadores de informações relevantes para a preservação e conservação de suas áreas. Além disso, a capacitação possibilita uma complementação de renda para os credenciados, dada a atuação como condutor ambiental local, conduzindo grupos de moradores e visitantes nas áreas de trilhas com qualidade e ordenamentos necessários. Assim, o PGETCV não só incentiva pessoas, independente da faixa etária, a visitar os parques estaduais, como promove trabalho, renda, educação e preservação.

O Programa Estadual de Guias de Turismo e Condutores de Visitantes do Rio de Janeiro possui como princípios e recomendações: desenvolver atividades de guiagem e condução de visitantes baseadas no princípio de mínimo impacto; valorizar as áreas naturais, com especial atenção aos objetivos de manejo do parque estadual; promover a recepção e o acompanhamento satisfatório de visitantes; divulgar os parques estaduais como áreas de preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica; favorecer as condições para a educação e interpretação ambiental e a recreação em contato com a natureza; considerar as múltiplas expectativas dos visitantes na interpretação ambiental e na utilização de técnicas e métodos socioeducativos; e envolver de forma participativa e consciente os visitantes, gestores e comunidades no processo de visitaç o; dentre outros (NASCIMENTO *et al.*, 2016).

At e o momento, sete unidades de conserva o estaduais, j a foram atendidas pelo Programa (PEGTCV) e j a tem guias/condutores de visitantes capacitados e credenciados. Uma das unidades de conserva o atendidas pelo Programa (PEGTCV)   justamente o PESET (INEA, [s.d.]). O volume de visita o   bem grande devido   sua proximidade com  reas urbanas, funcionando como uma  rea de lazer para moradores, grupos escolares, turistas nacionais e internacionais e visitantes em geral. De acordo com o Minist rio do Meio Ambiente (MMA,2006), visita o em unidades de conserva o   definido como “o aproveitamento e a utiliza o da Unidade de Conserva o com fins recreacionais, educativos, entre outras formas de utiliza o indireta dos recursos naturais e culturais”. Assim sendo, o ordenamento qualificado   vital para a preserva o do PESET e para que se cumpra da melhor maneira poss vel as suas finalidades e ideais de cria o que s o: preserva o da biodiversidade, das paisagens naturais e de amostras dos ecossistemas nativos e

oferecimento de oportunidades para pesquisa científica, visitação e difusão de conhecimentos, de recreação em contato com a natureza e de geração de oportunidades de empregos e negócios associados ao turismo em todas as suas formas (INEA, 2015).

2.2 METODOLOGIA

Considerando que para alcançar os objetivos do presente estudo era necessário analisar os resultados da aplicação da taxidermia e da condução ambiental como estratégias de educação ambiental e geração do sentimento de pertencimento, optou-se por uma pesquisa qualitativa, buscando identificar aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, cujos objetos são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura (MUNIZ, c2021). Desta forma modelamos a pesquisa a partir da metodologia do Relato de Experiências complementando-a com pesquisa bibliográfica.

As informações referentes aos relatos da autora são provenientes de memórias das experiências e observações vivenciadas ao longo de sua trajetória, baseados em datas relevantes, fatos e situações marcantes, mas também em anotações, que vinham sendo registradas em cadernos, ao longo dos anos de atividade. Essas memórias foram complementadas através de conversas simples com os participantes das atividades, em que foi solicitado aos mesmos que compartilhassem livremente suas impressões ou pequenos relatos pertinentes as atividades.

O referencial teórico foi construído com artigos, textos de sites e livros obtidos por meio de busca por palavras-chaves (taxidermia, pertencimento, educação ambiental, legislação) e por livros físicos de acervo pessoal (guia de trilhas do parque, atlas UCs, apostilas).

2.3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A partir desse ponto, o artigo se dedica a relatar as experiências da autora junto a grupos de moradores/visitantes da região na trilha interpretativa do Caminho Darwin-PESET, usando como estratégias atividades desenvolvidas com as técnicas da condução ambiental e da taxidermia, desenvolvendo interatividade participativa na trilha no intuito de despertar na população do entorno o sentido de pertencimento. As experiências da autora são complementadas por impressões ou pequenos relatos dos visitantes pertinentes às atividades.

Entende-se o pertencimento como um elemento comum de descoberta, práticas e ações com o foco na sensibilização, conscientização ambiental e envolvimento para a conservação e preservação do patrimônio natural local. Sensibilizar e despertar a consciência crítica de grupos sociais no entorno das Unidades de Conservação (UCs) e estimular a participação da comunidade na proteção dos recursos naturais, têm sido consideradas as ações mais adequadas para a efetiva proteção dessas áreas (CERATI; LAZARINI, 2009). No entanto, a

conscientização da sociedade passa pela necessidade da comunidade se identificar com o local, se sentir parte integrante.

O processo de pertencimento é fundamental para a sensibilização das questões ambientais relacionadas à fauna silvestre local, já que o seu significado traz à tona a necessidade de nos sentirmos como pertencentes a tal lugar e ao mesmo tempo sentir que esse tal lugar nos pertence, e que assim podemos interferir e, mais que tudo, que vale a pena interferir na rotina e nos rumos desse tal lugar (Pertencimento. *In*: DICIONÁRIO INFORMAL., 2009). Com base nesse significado, a interatividade forma um norte, guiado pelo sentir, observar, ouvir, respeitar e o agir. O pertencimento, por natureza, é uma necessidade de pertencer, de fazer parte que precisa se cultivado, com laços de exemplos e ações para manter sempre conexões fortalecidas, ressignificando valores.

Como moradora do Engenho do Mato há algumas décadas e já, com a percepção ambiental aflorada pela formação em biologia, ao conhecer o histórico do PESET em uma das exposições realizadas pela gestão do parque, na Praça do Engenho do Mato, a semente de pertencimento quebrou seu estado de dormência e brotou intuída de despertar nos moradores do entorno o valor do patrimônio natural, de extrema relevância para a nossa qualidade de vida. À medida que me aproximava da vizinhança, ia aproveitando a oportunidade para questioná-los ou informá-los sobre a fauna local já que à época, havia muitas espécies (preá, serpentes, gambás, cobras, morcegos e tantos outros) que volta e meia faziam “visitas” aos nossos quintais, forros dos telhados e muitas vezes adentravam as casas por descuido nosso ou em busca de abrigo ou alimento. Como bióloga, por ter algum conhecimento na área, acabava também orientando meus vizinhos sobre, como deveríamos agir com relação a essa fauna, pois tínhamos como extensão de nossos quintais uma unidade de conservação, o PESET, que servia de “casa” para esses “moradores” mais antigos ou pioneiros da nossa região. Assim, conforme essas oportunidades de troca de conhecimentos iam acontecendo, ia percebendo que as reflexões de sensibilização, estimulavam a ações de conservação e preservação da biodiversidade local.

De acordo com Silva e Junqueira (2007 segundo EISENLOHR *et al.*, 2013), para estimular a percepção das pessoas direta ou indiretamente envolvidas no processo de conservação de áreas naturais e das espécies nela abrigadas, é imprescindível ter como mediadores os educadores ambientais, que são o elo entre a ciência e conservação ambiental, onde a participação das populações envolvidas é fundamental (CERATI; LAZARINI, 2009). Sendo assim, para que a sensibilização de moradores do entorno e visitantes, que já vinha acontecendo de forma ocasional, fosse ampliada e ocorresse de forma mais eficaz e direcionada, seria necessário oferecer oportunidades de qualificação profissional, para formação técnica de educadores ambientais, além de estímulo à uma visita segura no PESET.

Finalmente, em 2012, o Projeto Estação Ambiental Charles Darwin realizou formação de condutores locais, específica para a trilha do caminho Darwin. Essa trilha, que faz parte do PESET, é especial, pois está inserida no Polo Turístico Caminho de Darwin, que devido à importância da passagem do naturalista inglês pela região, foi tombado como Patrimônio imaterial da Cidade de Niterói e tornado permanente com a Lei 2986/2012 (NITERÓI, 2012). O tombamento teve como fim a preservação da memória e identidade urbana das comunidades, revitalização de conjuntos arquitetônicos, sítios e áreas identificadas como de interesse histórico e cultural e dessa forma acaba por auxiliar na preservação da região, na unidade de conservação e do próprio bairro do Engenho do Mato. Ao participar desse curso de formação de condutores, tive a oportunidade de conhecer e aprender de forma técnica e qualificada, sobre a história do nosso bairro, do PESET, com suas características relevantes em nossa região (fauna, flora, geologia, legislação ambiental), da passagem do naturalista Charles Darwin e da interpretação ambiental com prática exclusiva na trilha do caminho Darwin.

Em 2016, iniciei outro curso, sendo esse promovido pelo INEA através do Programa PEGTCV, já apresentado na seção 2.1.3 deste trabalho, e com direcionamento para os moradores do entorno. Com a capacitação e o credenciamento, à medida que acontecia a divulgação da visita com condução ambiental, a população do entorno sentiu confiança pela proximidade que tinham com os condutores de visitantes, já que estes eram moradores da região. Muitos ainda desconheciam o patrimônio natural da região ou tinham receio de acessar as áreas de visita, ou por medo do ambiente natural ou por reconhecer somente como uma grande massa verde que poderia dar lugar às pessoas que precisavam de habitação. O depoimento a seguir demonstra que para algumas pessoas a presença de um profissional dá essa segurança e estimula a visita frequente.

[...] Para nós, que gostamos do contato com a natureza e participamos periodicamente de caminhadas na floresta, é indispensável que sejamos acompanhados por um profissional capacitado.¹

Desde então, organizo e conduzo grupos para a realização de caminhadas nas áreas de visita/trilhas do PESET. No entanto, a proposta de condução ambiental é não apenas visitar, mas também interagir, se integrar e conhecer ou reconhecer o patrimônio natural, através da interpretação do percurso desse nosso “quintal” dotado de tantas belezas e importâncias. Isso possibilita aos participantes descobertas pertinentes àquela área que antes não seriam notadas, sem um direcionamento. Tudo isso, na verdade, tem um objetivo maior, que é a conscientização ambiental, já que a possibilidade de que alguém se dedique aos

¹Ângela, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

cuidados com a preservação e conservação ambiental, só começa a existir a partir do momento que se compreende a sua importância. Os depoimentos a seguir exemplificam que essa relação do homem com a natureza pode ser bem diferente de pessoa para pessoa e que a visão e a atitude perante o ambiente tendem a mudar conforme se vai conhecendo e compreendendo esse ambiente.

[...] Vejo que muitos indivíduos não conseguem estabelecer uma relação respeitosa com o meio ambiente e com a NATUREZA que nos cerca. Por outro lado, também vejo alguns poucos que se mostram incansáveis na preservação, na vigília, na orientação e manutenção de nossos parques/territórios.²

[...] A cada caminhada, nossa guia nos contempla com ensinamentos importantes que desenvolvem nossos sentidos e nossa visão sobre o planeta em que vivemos. Com isso, nos tornamos mais conscientes e despertos para minimizar, na medida do possível, o impacto ambiental criado pelo próprio homem.³

A organização inicial da atividade acontece através, de um grupo em rede social, onde as comunicações pertinentes são informadas, tais quais; datas, horários, ponto de encontro, objetivos, regras de conduta, informações de segurança, recomendações de necessidades, características da trilha, entre outros. É também comunicada a necessidade de um termo de risco, para a participação, entregue antes do início da atividade, preenchido e assinado individualmente. É fundamental, para a segurança do grupo, também comunicar as visitas à gestão do parque, com as informações referentes à área a ser visitada, número de participantes, média de idade, horário e data. Esse primeiro contato virtual já inicia a interação social com o grupo de moradores/visitantes e aguça a percepção ambiental local.

No início da atividade, são feitas as boas-vindas e apresentações do condutor e dos componentes. Nas visitas guiadas, o acolhimento com simpatia e o prazer de receber o morador/visitante é um importante diferencial, pois cria laços/vínculos de confiança entre o grupo e a área visitada. Ter a segurança de fazer parte de um grupo onde um cuida do outro e todos cuidam de todos traz a tranquilidade que permite que a experiência de fazer a visitação seja enriquecedora e agradável. A percepção do sentimento de pertencer vem na forma como o participante expressa sua vivência, como nos relatos a seguir:

[...] O trabalho de condução ambiental no PESET, é uma experiência maravilhosa além de explorar e conhecer o “quintal de casa.” Recebemos aulas incríveis sobre a fauna e flora local. Aprendemos a cuidar preservar e respeitar o nosso meio ambiente.⁴

²Ellen, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

³Jose Marcos, morador/visitante, coletado pela autora em 2021.

⁴Tania, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

[...] Quando tomei conhecimento de que existiam passeios guiados com objetivo primeiro de "apresentar" as belezas locais para os habitantes/moradores/ filhos da terra, me interessei e busquei em cada passeio descobrir as particularidades.⁵

Durante a condução ambiental, são feitas paradas para interpretação em pontos específicos da trilha, usando placas de referência, onde os participantes têm a oportunidade de interação, com perguntas, descanso, socialização, contemplação e fotos de suas experiências e impressões. Silva & Figueiredo (2011segundo EISENLOHR *et al.*, 2013) assumiram que trilhas interpretativas são um meio sedutor para promover a sensibilização ambiental em um processo educativo. A EA pode causar mudanças de comportamento e desenvolvimento de valores éticos por meio da sensibilização para os detalhes da natureza, despertando o interesse pelo convívio com a mesma e a transmissão de conhecimentos ambientais de forma vivenciada (Projeto Doces Matas, 2002segundo EISENLOHR *et al.*, 2013).

Todas as trilhas mostram-se ideais para a prática da EA, entretanto são desejáveis alguns atributos para que os visitantes vivenciem diversos tipos de experiências que os sensibilizem no sentido de sua integração com a natureza. Locais como mirantes, que permitem a observação e a contemplação da paisagem, e pontos de parada, principalmente em trilhas de leve e média dificuldade (Figueiredo *et al.*, 2012segundo EISENLOHR *et al.*, 2013), são de grande valia nesse processo de sensibilização. A presença de um Centro de Interpretação pode potencializar o processo de transformação dos visitantes, com o auxílio de recursos tecnológicos e/ou de coleções.

Paralelamente à atuação como condutora ambiental, ainda em, 2016 e início de 2017, atuei no 1º Programa de Voluntariado Ambiental do PESET, nos eixos temáticos de educação ambiental, apoio a pesquisa científica e conservação da biodiversidade. Como voluntária, atuei também na área de apoio ao uso público na sede em Itaipuaçu-Maricá, com atividades de organização de receptivo e interpretação ambiental para público diverso e apoio a atividades administrativas em geral. Já na subsede em Itacoatiara, atuei na prestação de informações aos visitantes, educação ambiental, eventos e turismo, auxiliando no receptivo de visitantes, apoio de atividades de educação ambiental dentro e no entorno e aplicação de questionários do perfil de visitantes.

Nessa época, o PESET possuía uma antiga e pequena coleção em taxidermia (fruto de doações de pesquisadores), que usávamos em eventos e visitas a escolas da região. Diante disso e reconhecendo a importância desse material na educação ambiental, iniciei o processo de elaboração de cadastro, com o número de peças, espécimes e técnicas para resguardar e manter esse patrimônio. Dessa forma, fui colaborando com a gestão da unidade na

⁵Ellen, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

manutenção da coleção existente e confecção de novas peças à medida que conseguíamos recursos financeiros para a compra de materiais, sendo em sua maioria materiais de doações de pessoas próximas (voluntários, funcionários, e entre tantos outros amigos do parque).

Ainda nessa época, com essas vivências práticas e observando as necessidades e dificuldades que a equipe tinha em transportar a coleção e com um local para armazenamento e exposição, surgiu a ideia de dois projetos. O primeiro era montar um acervo fixo no centro de visitantes da sede Darwin, onde as peças poderiam ficar com mais segurança e ao mesmo tempo expostas. O outro projeto era montar um acervo móvel que seria usado em eventos, escolas e outras áreas de trilha, até mesmo propiciando o uso em forma de empréstimo para eventos de educação ambiental nas unidades de conservação municipais como, por exemplo, PARNIT, REVIS, entre outros.

Com muitas dificuldades, dada a falta de recursos, aos poucos fomos mantendo e confeccionando novas peças, e com o apoio da gestão e de tantas outras pessoas, conseguimos um pequeno espaço em uma das salas no centro de visitantes da sede Darwin, que ficou exclusiva para o acervo. Lá, novamente, encontramos os desafios da falta de recursos, que foram sendo superados com a colaboração criativa, e boa vontade de muitos que acreditavam nesse trabalho.

Em 2020, com as ações do Projeto Ecoarte, atraímos muitos visitantes para o Caminho Darwin, através de publicações nas mídias sociais e reportagens em jornais de grande circulação, e conseguimos no início de 2021, um aporte de recursos da empresa Ecoponte S/A para a confecção e produção de mais três peças em taxidermia seca, banner com ilustração, estrutura de sustentação em PVC desmontável e tapete em grama sintética, configurando um cenário que remete a mata atlântica, com inspiração de imagens do caminho Darwin. Hoje, o PESET conta com 20 peças das técnicas de taxidermia seca/empalhada e úmida/conserva.

A exposição das peças em taxidermia representava mais uma estratégia de educação ambiental no que se refere à fauna local e, também, mais um atrativo para a visita em busca de conscientizar principalmente a população do entorno sobre a importância da preservação das espécies de fauna. Nas atividades junto ao acervo sempre é discutido algum tema relacionado à fauna que de forma simplificada desperta nos participantes a função das espécies na natureza. Quando se aborda que, de forma intrínseca, a cutieira (*Joannesia princeps*), árvore nativa, está 'ligada' a cutia (*Dasyprocta agouti*), um pequeno roedor, que após coletar suas sementes, alimenta-se e enterra algumas para comer depois, esquecendo onde as "guardou", o visitante percebe a relação da fauna com a flora, com o interessante e importante trabalho da cutia em "replantar" a cutieira. Isso causa nos participantes a descoberta de que ao proteger a fauna estamos protegendo a flora nativa da nossa região, pois um depende do outro para garantir a sua existência. A percepção sobre as relações,

desperta a importância dos recursos usados na educação ambiental como vemos nos relatos a seguir.

[...] E através do acervo de Taxidermia, executada com maestria as peças parecem estar vivas. Temos a oportunidade conhecer as espécies mais detalhadamente.⁶

[...] A Educação Ambiental é fundamental para estimular novas formas de percepção nos jovens e adultos. A taxidermia é uma poderosa ferramenta usada neste processo educativo, pois os animais empalhados parecem tão vivos e presentes que emocionam profundamente. Facilitando o aprendizado de suas características físicas, formas de vida, hábitos alimentares etc. E consequentemente transformando as mentes e criando atitudes benéficas das pessoas para o meio ambiente. A taxidermia tem o poder de eternizar um animal para que ele continue contribuindo para salvar muitos outros!⁷

[...] A taxidermia da fauna local nos lembra que nós precisamos conhecer para cuidar.⁸

Aqui cabe ressaltar o relato de um acontecimento interessante que demonstra a importância desse conhecimento e de seu compartilhamento. Em uma manhã, no meu quintal (Engenho do Mato - Niterói) encontrei a carcaça de uma cuíca-três-listras (*Monodelphis ihering*) e fiquei bastante surpresa diante desse fato, já que se tratava de uma espécie pouco comum de ser avistada. De imediato, fotografei e conservei. Fiz uma postagem no grupo de voluntários do parque para informar sobre a ocorrência. Todos os presentes desconheciam tal espécie até aquele momento. Após oito dias, aconteceu outro avistamento sendo que dessa vez o espécime estava vivo. Coincidência ou não, a ocorrência aconteceu em uma das sedes do parque (Itaipuaçu- Maricá). O animal quase foi morto, pois seu tamanho e agilidade são muito semelhantes às de um camundongo comum, mas um dos funcionários, que está no grupo de voluntários, reconheceu e salvou a espécie, fez o resgate do animal com todos os cuidados e realizou a soltura em área de mata próxima ao local de ocorrência.

Para alguns, causa espanto descobrir que na nossa região há uma diversidade de fauna muito maior do que o imaginado e que há espécies em risco. Isso foi percebido em diversas situações, como em uma das vivências de um morador da região, que naquela manhã estava percorrendo a trilha do caminho Darwin acompanhado de sua mãe e avistou e fotografou um gavião. Em dúvida de qual era a espécie, foi até o centro de visitantes (sede Darwin) em busca dessa informação e foi informado de uma atividade no Parque Rural com os animais taxidermizados. Chegando lá, esse morador me mostrou a foto do que parecia ser o gavião-pombo-pequeno (*Amadonastur lacernulatus*), uma espécie rara de ser avistada, cuja identificação foi posteriormente confirmada por um especialista. Por conta desse e outros

⁶Jose Marcos, morador/visitante, coletado pela autora em 2021.

⁷Perla, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

⁸Ângela, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

avistamento, o morador foi adicionado a um grupo de rede social específico de observadores de aves, e hoje, ele continua com o hobby da fotografia e ativamente na observação e “monitoramento” da nossa fauna. O seu relato demonstra como a taxidermia acaba revelando e conectando os visitantes à diversidade biológica da região.

[...] Conheci o trabalho de taxidermia e fiquei surpreso em saber que existem tantas espécies por aqui. Achei o trabalho maravilhoso, cada animal com sua própria história e situação. Parabenizo, “todo o PESET pelo trabalho.”⁹

Além de ampliar e difundir o conhecimento sobre a diversidade da fauna local, a taxidermia também contribui com a conservação de outras formas. Através de registros de recebimento de animais, que contenham informações sobre os impactos, para ter maior precisão sobre as causas, áreas e espécies onde os impactos ambientais são maiores, como consta na seção 2.1.1 deste trabalho. Assim, além da descoberta da diversidade de fauna como um patrimônio de relevância para a nossa qualidade de vida, vem junto um sentimento de proteção, conforme se compreende melhor como os impactos negativos afetam a fauna local. Segundo Piroli & Santos (2010, segundo EISENLOHR *et al.*, 2013), a EA é fundamental para inserção do conhecimento sobre a importância dos recursos naturais ao público-alvo de suas atividades (Projeto Doces Matas, 2002, segundo EISENLOHR *et al.*, 2013).

Um caso em especial me chamou a atenção em relação ao papel da prática da taxidermia na conservação ambiental. Durante uma visita a uma das áreas de trilha do parque, um visitante se deparou com uma “carcaça” e de imediato comunicou informações referentes à localização. Após a equipe ser acionada, para verificação da ocorrência, ficou constatado que o espécime estava vivo e que precisava de socorro imediato, pois estava sem os movimentos das patas traseiras. O animal foi encaminhado para profissionais para tratamento e recuperação, no entanto, aqui há um ponto que gostaria de destacar. Não temos na região um centro de atendimento médico à fauna silvestre, ou um centro de reabilitação, dificultando a reinserção de animais feridos, ou, caso não possam retornar à natureza, sua inserção em projetos de educação ambiental.

Ocorreram várias situações que, demonstram a sensibilização através das atividades de condução ambiental e taxidermia. Há moradores/visitantes que mudaram a concepção sobre a fauna local. Antes havia medo ou ignorância por não saberem lidar com eventuais encontros com animais selvagens. Hoje, buscam orientações e encontram apoio tanto do parque quanto dos órgãos públicos municipais. Muitos hoje entendem a importância da proteção. Um dos participantes deu a seguinte declaração.

⁹Iago, morador/visitante, coletado pela autora em 2021.

[...] Encontramos uma fauna de médio e pequeno porte (capivaras, tamanduás, jacarés, tatu, peixes, pássaros...) cada um com sua relevância e peculiaridade que vem sofrendo ao longo do tempo com a invasão de seus territórios pela construção civil, com a degradação da qualidade das águas pela poluição dos rios mares e lagoas, e pela ignorância (desconhecimento) das características de cada planta/floresta/animais nativos desse ambiente.¹⁰

As experiências vividas parecem ter sido marcantes na vida dos personagens desses relatos, tanto que um deles, ao avistar um pássaro morto em uma das ruas no centro do Rio de Janeiro, logo perguntou em um grupo de rede social o que poderia ter ocorrido. Com uma observação rápida do ambiente, ele mesmo depois constatou que os grandes prédios com seus vidros espelhados, poderiam estar provocando tal impacto negativo. A declaração a seguir mostra também como os participantes passam a dar mais atenção ao ambiente que os cerca.

[...] Trouxe-me ricas e inesquecíveis experiências que pude compartilhar com familiares e amigos, além de ratificar em mim a necessidade de dar atenção ao território, cidade, planeta que vivemos.¹¹

Em uma das atividades em grupo, na trilha Darwin, guiei um grupo de alunos e professores de um reforço escolar do município vizinho, Maricá. A interatividade foi tanta que rendeu, como resultado, algumas redações escritas a mão com as vivências, impressões e aprendizados que durante a atividade chamaram mais a atenção do grupo. Tanto para o ensino formal quanto para o não formal, as trilhas ecológicas constituem excelentes espaços para a prática de programas de EA, que devem ir além de simplesmente ensinar o que os visitantes devem fazer nos ambientes visitados, mas também propor mudanças no modo como as pessoas pensam e avaliam a sua relação com o ambiente (Campos & Filleto, 2011, segundo EISENLOHR *et al.*, 2013).

Alguns relatos chamam a atenção, quanto a uma questão importante que é a desmistificação de certos conhecimentos populares. Uma participante, sempre comentava que tinha pavor de determinados pássaros, pois ela aprendeu que quando tais aves (urubu, bacurau e o anu-preto) se fazem presentes, é motivo de agouro e presságio de morte de familiares ou pessoas próximas. Tais “anúncios” provocavam reações com formas e fórmulas na tentativa de espantar os “agourentos”. Após a participação nas atividades, onde a participante conheceu a importância ambiental da nossa avifauna, ela acabou tornando-se uma observadora de aves amadora.

¹⁰Ellen, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

¹¹Idem.

Após a atividade, é reservado um momento em que são enfatizadas a importância do ambiente natural e das ações e atitudes cotidianas que de alguma forma impactam sobre os nossos recursos naturais. Depois, os participantes postam fotos de suas experiências nas redes sociais e relatam que se sentem responsáveis e que pretendem contribuir com atitudes (coleta de óleo usado, separar seu lixo, compostagens etc.) e ações (participação voluntária em plantios, mutirões de limpeza e tantas outras atividades) para conservação do patrimônio. Eles tornam-se atentos em busca de soluções para os problemas ambientais, agindo de modo ambientalmente responsável, com base no Repensar, Reduzir, Reutilizar, Reciclar e Recuperar. Cada visitante ou morador que muda seu comportamento representa um grande avanço, já que as ações e atitudes locais refletem de maneira direta na qualidade ambiental.

A expressão ‘trabalho de formiguinha’ vem como referência à capacidade de trabalho das formigas para construção de um bem maior em prol de um coletivo. Colaborar uns com os outros, traz as possibilidades de engajamento e reconhecimento das suas responsabilidades e um significado de ativismo que está diretamente ligado à transformação de uma realidade. Para muitos, esse ativismo vem em forma de ações voluntárias nas atividades ligadas ao parque, sejam elas de plantio de espécies de mata atlântica, remoção de resíduos nas áreas de trilha/praias, plantio de mudas ou propágulos nos mangues, e até mesmo o “monitoramento” de desmatamentos, incêndios, ocorrência de fauna silvestres nas áreas do entorno, caça ou pesca ilegais.

A população da região tem um histórico de engajamento ambiental muito especial. O PESET é o primeiro parque do RJ formado a partir da mobilização popular (WIKIPARQUES.ORG, [s.d.]), e muito desse engajamento vem do sentimento de pertencimento, como podemos ver nessa declaração de uma das moradoras da região.

[...] Temos o privilégio de morar na Zona de Amortecimento do Parque Estadual da Serra da Tiririca, com muito ar puro, canto dos pássaros e muitos animais silvestres circulando pelos quintais e redondezas. Seria tudo perfeito se uma grande parte dos moradores pudesse dispor de mais conhecimentos de preservação ambiental para evitar que seus animais domésticos caninos e felinos não perambulasse pelas matas e arredores matando e ferindo pássaros e vários animais nativos da nossa Mata Atlântica, muitos deles em risco de extinção.¹²

Para além de declarações, temos atualmente no bairro do Engenho do Mato, o Parque Rural, que é justamente fruto de engajamento de um grupo de moradores do qual eu mesma fiz parte. Mobilizados por um ninho de Quero-quero (*Vanellus chilensis*) que estavam monitorando, buscaram demonstrar a outros moradores que ali depositavam lixos de seus quintais, o quanto aquilo afetava o ambiente, principalmente por se tratar de uma área de amortecimento de uma unidade de conservação. A continuidade dessa luta acabou indo parar

¹²Perla, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

em outras esferas e resultou na construção desse importante equipamento público para a nossa região.

Para muitos, essa percepção/noção de que o PESET e o patrimônio natural os pertenciam, era mínima ou quase nenhuma. Após as vivências com a condução ambiental e a taxidermia, o sentimento de responsabilidade é tanto que muitos propõem soluções que estão ao seu alcance para minimizar impactos negativos. Vale dizer sempre, só se protege aquilo que se conhece. Com o foco da sensibilização e conscientização ambiental o conhecimento ou reconhecimento movimentam ações de envolvimento, na conservação e preservação do patrimônio natural local, como podemos observar nas declarações seguintes.

“[...] Por conta de tamanhas descobertas, assim que possível e após minha aposentadoria irei participar ainda mais em trabalhos voluntários pelo parque.”¹³

[...] A condução ambiental foi essencial para despertar da minha consciência de pertencimento ao lugar que vivo/ moro e, principalmente para a descoberta de um novo mundo sob o olhar da natureza. Quem dera todos tivessem a vivência que tive através desse passeio, talvez as relações com o nosso planeta fossem diferentes. O ser humano não pode continuar vendo a natureza como diversão ou com algo externo. Nós somos parte de um todo.¹⁴

“[...] Moradora da RO há 30 anos me surpreende a cada dia, a cada evento, em cada passeio que faço no PESET. Ainda temos áreas preservadas de flora e fauna, mas infelizmente desconhecidas por muitos moradores.”¹⁵

¹³Jose Marcos, morador/visitante, coletado pela autora em 2021.

¹⁴Renata, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

¹⁵Rosa, moradora/visitante, coletado pela autora em 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A taxidermia, por reutilizar materiais oriundos de impactos negativos de fauna silvestre em áreas urbanas, mostrou-se um importante elemento de identificação das diferentes causas de morte e dos locais onde ocorreram, permitindo a sistematização dos impactos ambientais mais frequentes, contribuindo para a sensibilização ambiental das pessoas a respeito dos impactos e a estruturação de ações que previnam ou minimizem os efeitos negativos sobre a fauna local.

O acervo de animais silvestres taxidermizados, que ficam expostas no centro de visitantes do Caminho Darwin, funciona como uma eficiente ferramenta de educação ambiental e como um importante atrativo que enriquece a experiência dos participantes da condução ambiental. Já a condução ambiental, mostrou-se eficiente em incentivar a visita no PESET e em envolver de forma participativa e consciente os visitantes, gestores e comunidade.

Com base nessas vivências e experiências, percebe-se que quanto melhor a interação com moradores/visitantes do entorno nas áreas de trilhas, maior é o envolvimento com as ações de conservação. Cada relato, durante ou após as atividades, são descobertas importantes sobre nós, os outros e o ambiente no qual estamos inseridos. E assim, as atividades de condução ambiental e taxidermia vão estimulando com informações a população do entorno, despertando o sentido de pertencimento como um elemento comum de descoberta.

A importância em compartilhar as vivências ou experiências é demonstrar que o sentimento de pertencimento é a alavanca que vai impulsionar as pessoas para despertar seus valores e gerar atitudes de participação e engajamento, atingindo, através da sensibilidade, os seus enraizamentos ambientais. Pois, cabe, a cada um de nós, sermos mediadores na construção da sensibilização ambiental, com o intuito de “formar” pessoas dispostas a mudar a realidade local, vivendo de forma ética, responsável, sustentável e consciente em conjunto com todos os seres vivos desse nosso planeta.

Espera-se que as experiências bem-sucedidas, relatadas neste estudo, possam inspirar a ampliação na aplicação dessas ferramentas não só na região do PESET, como também em outras regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo. *In*: SIGNIFICADOS. Significado de Acervo. **7Graus**, c2011-2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/acervo/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BARROS, A. A. M. **Análise florística e estrutural do Parque Estadual da Serra da Tiririca, Niterói e Maricá, RJ, Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Botânica Tropical, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2008, p. 8.

BRASIL. **Lei nº 9605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente [...]. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 13 fev. 1998. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/104091/lei-de-crimes-ambientais-lei-9605-98#art-32>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CARNIATTO, C. H. de O.; Mateus, G. A. P.; Leonardo, J. M. L. O. Confecção de animais taxidermizados para coleção didático-científica da disciplina de Zoologia II do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). *In*: **Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica**, 5., 26 a 29 de out. 2010. ISBN 978-85-61091-69-9. Disponível em: http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/mostras/quin_mostra/caio_henrique_oliveira_carniatto_2.pdf. Acesso em: 08out. /2021.

CERATI, T. M.; LAZARINI, R. A. de M. A pesquisa-ação em educação ambiental: uma experiência no entorno de uma unidade de conservação urbana. **Ciência & Educação**. Bauru,15: 383-392. 2009.

CORRÊA-PINTO, A. L.; CARVALHO E SILVA, S. P. de. **Scinax littoreus (Amphibia, Anura, Hylidae) como indicador de vulnerabilidade de ambiente rupícola no Parque Estadual da Serra da Tiririca, Rio de Janeiro, Brasil**. *Scinax Littoreus (Amphibia, Anura, Hylidae)* as indicator of vulnerability of rupicolous environment in the Serra da Tiririca State Park, Rio De Janeiro, Brazil. Disponível em: http://arquivos.proderj.rj.gov.br/inea_imagens/downloads/pesquisas/PE_Serra_da_Tiririca/CorreaPinto_Silva_2007.pdf. Acesso em: 12out. 2021.

DEL CLARO, K. **O ex-escravo que ensinou Darwin**: o Preto que mudou o Branco - John Edmonstone. [S. l.], 28 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cienciaquenofazemos.org/post/o-ex-escravo-que-ensinou-darwin-o-preto-que-mudou-o-branco-john-edmonstone>. Acesso em: 3 set. 2021.

EISENLOHR, P. V.; Meyer, L.; Miranda, P. L. S. de; Rezende, V. L.; Sarmiento, C. D.; Mota, T. J. R. de C.; Garcia, L. C.; Melo, M. M. da R. F. de. Trilhas e seu papel ecológico: o que temos aprendido e quais as perspectivas para a restauração de ecossistemas? **Hoehnea**, set. 2013, v. 40, n. 3, p. 407 – 418, Resumo: ENPT, Texto: EN PT. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2236-89062013000300002>. Acesso em: 26 out. 2021.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente (RJ). **Atlas das Unidades de Conservação do Estado do Rio de Janeiro**. Metalivros, São Paulo, p. 76, 2015a.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente (RJ). **Decreto nº 42.483 de 27 de maio de 2010**. Estabelece diretrizes para o uso público nos parques estaduais administrados pelo instituto estadual do ambiente - INEA e dá outras providências. [S. l.], 27 maio 2010. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Decretos/2010/dec_42483_2010_usopublicoparquesestaduaispeloinea_rj.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente (RJ). **Parque Estadual da Serra da Tiririca**. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: <http://parquesestaduais.inea.rj.gov.br/inea/peset.php>. Acesso em: 8 out. 2021.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente (RJ). **Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra da Tiririca - PESET**. Secretaria do Estado do Ambiente. Rio de Janeiro: [s. n.], jan 2015b. p. 11 1-7. Disponível em: https://urbanismo.niteroi.rj.gov.br/anexos/Legisla%20a7%20b5es_p%20a1gina/Meio%20Ambiente/Plano%20de%20Manejo%20-%20Serra%20da%20Tiririca.pdf. Acesso em: 9 out. 2021.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente (RJ). **Projeto de remoção do mico-leão-de-cara-dourada (*Leontopithecus chrysomelas*)** introduzido na área de ocorrência do mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*) em Niterói-RJ. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/biodiversidade-territorio/centro-de-primatologia/> Acesso em: 22 out. 2021.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente (RJ). **Resumo Executivo - Plano de Manejo Parque Estadual da Serra da Tiririca – PESET: Fauna**. Rio de Janeiro: [s. n.], jan 2015d. p. 23 3.2.2. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/PESET-RE.pdf>. Acesso em: 9 out. 2021.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente (RJ). **Trilhas – Parque Estadual da Serra da Tiririca-Niterói e Maricá/RJ**. Rio de Janeiro: INEA, 2015c. p. 59. Disponível em: http://www.femerj.org/wp-content/uploads/guia_niteroi.pdf. Acessado em: 20 de janeiro de 2021, às 21h.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (Brasil). **Diretrizes para visitação em Unidades de Conservação**. 2006. SBF/DAP, Brasília-DF, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332199683_Diretrizes_para_Visitacao_em_Unidades_de_Conservacao. Acesso em: 14 set. 2021.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (Brasil). IBAMA. **Instrução Normativa nº 154**. Sobre coleta de material biológico emucas e cavernas. [S. l.]: Diário Oficial da União, n. 42, 2 mar. 2007. Disponível em: <https://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/instrucao-normativa-no-1542007-sobre-coleta-de-material-biologico-em-ucas-e-cavernas.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

MUNIZ, C. Tipos de pesquisa. In: **Significados**. [S. l.], c2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/tipos-de-pesquisa/>. Acesso em: 11 out. 2021.

MUSEU NACIONAL (Brasil). Museu de Curiosidades #9. **Taxidermia: a arte de preservar espécies**. Site da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ. 2014. Disponível em: <https://sae.museunacional.ufrj.br/museu-de-curiosidades-9-taxidermia-a-arte-de-preservar-especies/> Acesso em: 20 jan. 2021.

NASCIMENTO, C.A. et al. A regulamentação da atividade de condução de visitantes nos Sistemas Estaduais de Unidades de Conservação do Brasil. **Scielo Brasil**, [s. l.], dez. 2016. DOI <https://doi.org/10.7784/rbtur.v10i3.1133>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/jfYK9J6sM6RTPp5C3L7HKXS/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 27 out. 2021.

NITERÓI. **Lei nº 2986, de 27/08/2012**. Dispõe sobre o tombamento de patrimônio cultural imaterial do circuito turístico Caminhos de Darwin [...]. [S. l.], 27 ago. 2012. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/n/niteroi/lei-ordinaria/2012/299/2986/lei-ordinaria-%20n->

2986-2012-dispoe-sobre-o-tombamento-de-patrimonio-cultural-imaterial-do-circuito-turistico-caminhos-de-darwin-na-aeit-pur-ro-2002-de-valor-cultural-historico-cientifico-ecologico-geologico-ambiental-e%20paisagistico. Acesso em: 9 nov. 2021.

O que é uma Espécie Invasora. Dicionário Ambiental. **((o))eco**, Rio de Janeiro, jun. 2014. Disponível em: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/28434-o-que-e-uma-especie-exotica-e-uma-exotica-invasora/>. Acesso em: 5 out. 2021.

Pertencimento. *In*: DICIONÁRIO INFORMAL. **Dicionário informal**: O dicionário onde o português é definido por você. [s.n.], 2009. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/pertencimento/>. Acesso em: 8 out. 2021.

PESET, Parque Estadual da Serra da Tiririca. **Apostila do Curso de condutores ambientais do Parque Estadual da Serra da Tiririca**. 1. ed. Rio de Janeiro: abr. 2016. v.1 p. 13.

PIMENTEL, D. de S.; SANTOS, M. C. F. dos; BARROS, A. A. M. de. **A Educação Ambiental como Início, Meio e Fim das Atividades Universitárias do Departamento de Ciências da FFP/UERJ**. Educação: Teoria e Prática, 2002, p. 61-61.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado do Ambiente / INEA - Instituto Estadual do Ambiente. **Resolução nº 61 de 4 de outubro de 2012**. [S. l.], 4 out. 2012. Disponível em: http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwff/mda2/~edisp/inea_006668.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

SANTOS, H. R. S. Como proceder para obter autorizações necessárias para executar coleta e atividades afins. **Componente Coleções PPBIO - Mata Atlântica**. p. 6. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/680/2019/06/Como_proceder_coleta.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

SORRENTINO, M.; TRIBER, R.; MENDONÇA, P.; FERRARO JÚNIOR, L. A. Educação ambiental como política pública. **Educação e pesquisa**. São Paulo, 31 (2), p.285-299. 2005.

WIKIPARQUES.ORG. **Parque Estadual da Serra da Tiririca**. [S. l.]: Associação O Eco, [s.d.]. Disponível em: https://www.wikiparques.org/wiki/Parque_Estadual_da_Serra_da_Tiririca. Acesso em: 19 nov. 2021.

Ata nº 03/2021

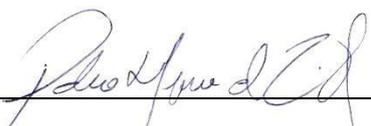
**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO DE PÓS-
GRADUAÇÃO**

Aos quinze dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um, às nove horas e 30 minutos, compareceu à sala virtual (Google Meet) do Campus Niterói do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), o(a) aluno(a) **Jacqueline Souza Ribeiro** do curso de Pós Graduação em Gestão de Projetos Ambientais, para a defesa de trabalho de conclusão de curso intitulado **Estratégias de Pertencimento no Entorno e Limites do Parque Estadual da Serra da Tiririca-RJ: um Relato de Experiência.** O trabalho orientado pelo(a) professor(a) **Pedro Henrique de Almeida Silva** – Presidente, foi avaliado pela banca examinadora composta por **Andrea Rizzotto Falcão, Luiz Gonzaga Allochio Zucolott, com a presença da suplente Leila Costa Duarte Longa.** O(a) presidente da banca fez a abertura e passou a palavra para o(a) aluno(a) que fez uma exposição oral de **22** minutos. Após a exposição, o(a) presidente da banca agradeceu ao(à) aluno(a) e passou a palavra para os(as) demais membros da banca que arguíram o(a) aluno(a) por **70** minutos. Em seguida, o(a) presidente da banca agradeceu pelas contribuições e sugestões, teceu alguns comentários e pediu ao(à) aluno(a) e aos demais presentes que se retirassem para a deliberação da banca examinadora, que emitiu parecer de **aprovada**. O(a) presidente deu por encerrada a sessão de defesa às onze horas e 5 minutos, para constar, foi lavrada a presente Ata que, lida e aprovada, foi assinada por todos os membros da banca examinadora e pelo(a) aluno(a).

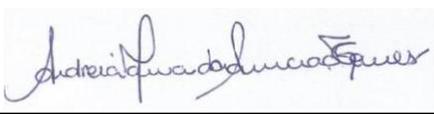
OBSERVAÇÕES:

Os membros destacaram a relevância do tema do trabalho, a qualidade da escrita e da apresentação e consideraram aprovação com grau máximo, sugerindo a publicação do trabalho e continuidade dos seus estudos e projetos.

ASSINATURAS:

Orientador(a):  Avaliador(a): _____ Avaliador(a): _____
Avaliador(a): _____ Aluno(a): _____

CIENTE:

Coordenação do Curso: 

Data: 16/12/2021